

Aliança só definirá o seu futuro em abril

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A Aliança Democrática saiu-se bem na preliminar. O PMDB e o PFL, apesar das escaramuças, votaram unidos na aprovação do regimento interno da Assembleia Nacional Constituinte. Os dois partidos governistas deram a sustentação necessária para ajustar as normas regimentais às pretensões do Palácio do Planalto. Contaram, ainda, com o apoio do PDS, do PTB, do PCB, do PL e do PDC.

Os "ritas" do PMDB foram absorvidos pelas lideranças formais, após os devidos contatos palacianos. Os partidos ideológicos sentiram, ao vivo, que não era desta vez que as esquerdas peemedebistas iriam agir de forma coerente com o que dizem e com o que pregaram na campanha eleitoral. Razões de Estado superaram as razões ideológicas.

A unidade governista, entretanto, está longe de ser consolidada. O teste foi pequeno para avaliar a atuação do PMDB, do PFL e do PTB (integrante ainda informal da Aliança Democrática). A partir do início de abril, quando as comissões e as subcomissões da Assembleia Constituinte começarem a trabalhar, será possível registrar o comportamento de cada grupo do PMDB.

A previsão é que o grupo moderado — seria o majoritário — acabará atuando, nas comissões e no plenário, mais afinado com o PFL, com o PDS, com o PTB, com o PL e com o PDC do que com as esquerdas do PMDB.

As comissões da Constituinte só serão organizadas depois da organização da Mesa Diretora — isto é, em seguida à escolha dos companheiros de Ulysses Guimarães na direção dos trabalhos. No debate de questões sócio-econômicas, por exemplo, é difícil esperar o comportamento coeso de todo o PMDB — 304 constituintes. O partido continua uma frente, o que se acentuou ainda mais com a grande renovação provocada pelas urnas de 15 de novembro do ano passado.

O insuspeito vice-líder do PT, José Genoíno, tem dito que prefere enfrentar o moderado Roberto Cardoso Alves, sob alegação de conhecer o que está combatendo, do que discutir com esquerdistas do PMDB. A esquerda do PMDB dança mais do que o Bolshoi de Moscou — disse Genoíno.

A observação do PT é procedente: o PMDB, como partido do governo e no governo, ainda enfrenta dificuldades em conciliar o seu discurso de campanha eleitoral com sua condição de partido situacionista. Muitos constituintes do PMDB ainda não conseguiram tirar a camisa da campanha. Continuam no palanque, com os mesmos chavões dos bons tempos de oposição.

No episódio do regimento interno da Constituinte, o que foi discutido e proposto não teve nada que ver com o que o PMDB decidiu.

Na segunda quinzena de janeiro as correntes esquerdistas do PMDB,

com a benevolência de Ulysses Guimarães e a omissão dos moderados, ganharam espaços com a proposta da soberania da Assembleia Constituinte. Surgiu até o grupo pró-soberania, logo chamado pela imprensa de grupo "ritta".

Havia, entre seus integrantes, duas preocupações básicas: o mandato longo de Sarney e o entulho autoritário da atual Carta Constitucional. Os "rittas" — de saudosa memória — pretendiam, mediante medidas regimentais, abrir caminho para a redução do mandato do presidente da República e remover do texto da Constituição as salvaguardas do Estado — medidas de emergência, principalmente. Pretendiam, também, assegurar, de forma plena, as imunidades parlamentares e a inviolabilidade do mandato — sem contar a revogação da Lei de Greve, da Lei de Segurança Nacional e outras parecidas.

O grupo pró-soberania queria agir com pressa, elaborando nova Constituição e, ao mesmo tempo, mudar a atual, sem deixar de eliminar leis ordinárias que considera arbitrarias.

Não custa lembrar que, após a eleição de Tancredo e Sarney, com a virada propiciada pelos dissidentes do PDS, aglutinados na Frente Liberal, ninguém do PMDB tomou iniciativa, objetivamente, para remover o entulho autoritário. Nem mesmo as prerrogativas do Poder Legislativo foram restabelecidas — apesar do gesto de Ulysses Guimarães, que instituiu comissão mista de deputados e senadores para preparar emenda constitucional a respeito. A emenda foi elaborada e, em seguida, engavetada.

Para recuperar o tempo perdido, ou o tempo de acomodação, durante o qual o PMDB fez da Constituinte sua bandeira maior de atuação político-eleitoral, o partido queria definir tudo de uma vez só, no menor espaço de tempo possível. Não deu certo. Na prática a teoria é diferente. As esquerdas não combatem mais governos militares. As esquerdas do PMDB fazem parte, agora, de um governo civil.

Nas guerrilhas do regimento interno, o PMDB deu uma guinada. No pinga-fogo do plenário da Constituinte, a mudança também está sendo registrada. A intervenção do Exército e da Marinha nas refinarias e nos portos, por exemplo, foi defendida por vice-líderes da facção esquerdista, identificados com o grupo pró-soberania.

Agora vai começar o jogo principal, o espetáculo que, apesar dos pesares, prende a atenção da opinião pública. Cada jogada de um dos constituintes será acompanhada pelo eleitorado. Nem sempre o representante segue a linha de conduta do representado. Na Constituinte, mesmo com tantos líderes, cada voto será pessoal, segundo as convicções individuais. Cada caso será um caso. A elaboração da nova Constituição será o grande teste do PMDB. De vida ou de morte.

F.M.

Líder na Constituinte

Os líderes do PMDB na Câmara e no Senado, deputado Luiz Henrique e senador Fernando Henrique Cardoso, deverão exercer, em rodízio, a liderança do partido na Assembleia Constituinte. Esta é a fórmula preferida de Ulysses Guimarães.

A maioria da bancada peemedebista na Câmara, lutando pela indicação de Luiz Henrique, pretende também desagrar o líder da discriminação sofrida de parte do presidente da República. No Senado, o líder do partido, Fernando Henrique, é também líder do governo. Na Câmara, antes mesmo de a bancada eleger o seu líder, Sarney indicou Carlos Sant'Anna — que era candidato a líder do partido — para as funções de líder formal na Câmara e líder informal na Constituinte.

Com a Câmara e o Senado funcionando apenas um dia por semana, os líderes das bancadas ficarão inativos, apenas usufruindo de gabinete, assessores, carro oficial com motorista. Por isso mesmo Luiz Henrique quer, também, a liderança do PMDB na Assembleia Constituinte. Para não desagrar o Senado, Luiz Henrique faria revezamento com Fernando Henrique. Para tanto, deve funcionar o peso numérico da bancada de deputados, para derrotar o senador Mário Covas, candidato a líder do PMDB na Constituinte. De tabela, mais um plano para enfraquecer o líder governista Carlos Sant'Anna. Da autonomia da Constituinte ninguém se lembra: os líderes Fernando Henrique e Luiz Henrique fazem parte do conselho político do Poder Executivo.

Só 200 anos...

Na próxima semana o senador José Richa trará a Washington, aten-

dendo convite oficial para as comemorações dos 200 anos da Constituição norte-americana. O líder paranaense vai saber por que a Carta Constitucional de lá é tão estável.

Dez anos

Do deputado Francisco Pinto, veterano líder das esquerdas do PMDB: se fosse Sarney, pediria mandato de dez anos. Com esta Constituinte que aí está, ele consegue tudo.

Soberania

O deputado gaúcho Victor Facioni está constante na opção pelo parlamentarismo. Justificativa: no parlamentarismo o povo é soberano todos os dias; no presidencialismo, só no dia da eleição.

Nanicos

O PCB entrou com pedido de registro provisório no Tribunal Superior Eleitoral. Na próxima semana o TSE deverá deferir o pedido do PL. Os nanicos se assustaram com o parecer do procurador-geral eleitoral, Sepúlveda Pertence, considerando extintos os partidos sem registro, autorizados apenas a participar das eleições de 88.

Subsídios

Quase todos os deputados e senadores querem aumento nos subsídios. Mas quase todos querem que só um tome a iniciativa de propor — o líder do PDS, Amaral Neto. Vem galvardo por aí.

ANC 88
Pasta 12 a 20
março/87
030